

## O VIGOR DAS TRADIÇÕES CULTURAIS DOS SERTÕES NA AÇÃO DE EDUCAR

Miguel Almir Lima de Araújo  
Professor da UEFS e da UNEB

### RESUMO

As meditações que apresento no texto emergem de pesquisas qualitativas realizadas nos contextos culturais dos Sertões da Bahia.

Compreendo tradição cultural como expressão do *ethos*, dos repertórios simbólicos de comunidades/povos que, de forma viva e rediviva, traduzem valores, crenças e cosmovisões. Assim, identidade cultural conota a composição de um rosto singular, porém, constituído de forma mestiça, plural; de uma composição móvel que se afirma e se renova.

As tradições culturais dos povos sertânicos revelam seu espírito de resistência e de labuta através dos tesouros que constituem o cotidiano de suas sagas. Nas mais variadas paragens dos Sertões, os sertanejos tocam e celebram suas vidas através das expressões do Reisado, do Cordel, do Bumba-meu-boi, da Cantiga de Roda, da Celebração de São João, das Bandas de Pífanos etc.

Nos rituais dessas manifestações, como formas expressivas de celebração da vida, os sertanejos compartilham suas crenças e valores, seus sentires e cosmovisões, suas labutas e sagas; afirmam os laços de solidariedade, suas identidades culturais.

A imagem do Fuxico, como teia de retalhos entrelaçados com sua estamparia multicolor, se configura numa metáfora que revela a vivacidade mestiça das culturas sertânicas. Seus matizes traduzem a diversidade de tons da vida dessa gente, a mobilidade in-tensiva de suas sagas. O Fuxico revela a trama das relações dialógicas, das trocas e partilhas presentes na urdidura dessas tradições culturais.

Nesse horizonte, urge uma *Pedagogia do Fuxico* que proporciona processos de ensinanças, aprendizagens e co-aprendizagens, inspiradas e nutridas na fecundez das estampas e dos repertórios de pensares e sentires, dos símbolos mitopoéticos da sertania com a vivacidade dos Sentidos das tradições que animam essa gente bandoleira. Uma Pedagogia que, como a configuração do Fuxico, apresenta aberturas para os entrelaces interculturais com os repertórios de outras tradições culturais.

**Palavras-chave:** Tradição – Cultura – Identidade – Fuxico – Educação

### 01 - Tradição e identidade cultural

Este texto traduz meditações que emergem de pesquisas intensamente desenvolvidas nos contextos sócio-culturais dos Sertões da Bahia e de outros estados nordestinos.

Compreendo tradição cultural como expressão do *ethos* que configura os repertórios simbólicos constitutivos dos grupos, comunidades e povos nos contextos de sua vida cotidiana; como núcleos anímicos que traduzem valores, crenças e cosmovisões impregnadas nas camadas incontornáveis do corpo e da alma, dos imaginários humanos; como expressão viva e rediviva de pensares e sentire, marcada pelo ritmo de seu dinamismo e plasticidade, e que, desse modo, permanece e se renova contínua e descontinuamente. Assim, os núcleos da tradição não estão estacionados nem se projetam de modo estático, mas se encontram em trânsito, nos compassos curvos e rítmicos do suceder da cultura, das vicissitudes da saga humana.

Os repertórios do *ethos* de cada tradição cultural são constituídos de conteúdos éticos e estéticos que traduzem os valores primordiais do bem e do belo de cada povo. Projetam os Sentidos da dignidade e da boniteza que inspiram dinamicamente cada tradição. A força vital de cada tradição a torna volvente, en-volvente. En-volve seus protagonistas nos processos de compartilhamento e de celebração das proezas do viver.

Cada tradição, na esfera da cultura humana, com o vigor de sua seiva, se renova constantemente através dos fluxos dinâmicos de significados e Sentidos que constituem o existir e o co-existir humanos de cada povo. Essa renovação se processa inspirada nas fontes originárias dessas tradições com suas potencialidades imanentes e transcendentais de revigoração e de recriação. Assim, toda tradição se renova para que continue existindo, para que permaneça viva, rediviva. No âmbito da cultura, o que não se renova tende a fenecer e a desaparecer diante do ritmo incessante dos ciclos e das mutações da história.

Portanto, tradição pode se traduzir na metáfora de um rio que permanece o mesmo mas que se renova permanentemente com o ritmo dos fluxos ondeantes de suas águas, que alarga suas margens no descortinar de seus movimentos cíclicos. Morin (2000, p. 77) proclama: “É no encontro com seu passado que um grupo humano encontra energia para enfrentar seu presente e preparar o futuro”. Tradição, portanto, como fonte de sabedorias sedimentadas no mundo vivido, como seiva que alimenta, de modo renovante e revigorante, e que, desse modo, anima e alarga os horizontes do presente e do futuro.

As expressões que traduzem as identidades culturais, na plasticidade de seus contornos vívidos, revelam, simultaneamente, permanências e mudanças, e estão sedimentadas nas camadas mais fundas da subjetividade humana. Compõem o tecido

multicolor dos imaginários dos indivíduos, inspiram a imaginação criante. São, em grande medida, irredutíveis a processos de massificação, de homogeneização e de destruição.

Nessa perspectiva, identidade cultural conota a composição de um rosto singular, porém, constituído de uma configuração mestiça, plural. Ou seja, a identidade cultural traduz a coexistência entre unidade e diversidade. Revela uma composição móvel que se altera continuamente mediante os fluxos tensoriais dos fenômenos da cultura. Canevacci (1996, p. 44) assevera que “A identidade é móvel, inventiva, fruto de uma ininterrupta contratação entre as absolutas diversidades com as quais tomamos contato”.

Assim, a identidade cultural é constituída de singularidade e de pluralidade, do uno (um) e do múltiplo (outro/s); se renova permanentemente na cadência rítmica e intensiva dos fenômenos do existir, do co-existir. Permanecemos os mesmos seres singulares. Porém, no dinamismo dos influxos da vida, nos renovamos e nos reinventamos constantemente para que nossa existência se projete com vivacidade e Sentido. Portanto, identidade cultural pode ser concebida como um amálgama de heterogeneidades. Desse modo, como expressão viva do dinamismo, da plasticidade e da policromia do existir humano que configura cada singularidade.

## **02. As tradições culturais dos Sertões**

Os Sertões constituem grande parte do Nordeste brasileiro e são configurados com uma geografia fortemente marcada por condições climáticas em que predomina a estação da seca traduzida no calor impiedoso de sua temperatura, na aridez do solo e na agrestia da vegetação. Nas esferas sócio-político-econômicas predominam estruturas de poderes instituídos que privilegiam a minoria de sua população em detrimento das condições decentes de qualidade de vida da grande maioria. Essas estruturas revelam processos perversos de dominação política (velhos e novos coronelismos), de uma intensa concentração de renda e de exclusão social que relega essa maioria da população às condições mínimas e bastante depauperadas de cidadania (de *terrânia* - povos da terra). Porém, no campo das tradições culturais, os povos desses rincões sertânicos revelam seu espírito altivo de resistência, de engenhosidade e de labuta através dos tesouros extraordinários das mais diversas manifestações que constituem o cotidiano de suas sagas, de suas vidas. Nas mais variadas paragens dos Sertões Semi-Áridos, os sertanejos tocam e celebram suas vidas através das mais variadas manifestações:

Reisado/Folia de Reis, Cordel, Bumba-meu-boi/Bumba-boi, Repente, Cantiga de Roda, Celebração de São João (quadrilha, forró, fogueira...), Rezas, Mutirões, Sambas, Pau de fita/Trança fita, Burrinha, Bandas de Pífanos, Chulas, Batas de feijão e de milho etc.

Essas manifestações são formas expressivas de celebração da vida em que os povos dos Sertões compartilham suas crenças e valores, seus sentires e cosmovisões, suas dores e prazeres, suas angústias e satisfações, as agruras da sina dura, as labutas travadas nos desafios afiados de suas sagas agrídoces. Elas fortalecem a fibra e as energias humanas na trajetória das lides dessa gente. Assim, esses povos vadeiam nas folias de encantação; afirmam sua auto-estima. São rituais que acontecem de forma coletiva e que afirmam e fortalecem os laços de amizade e de solidariedade, que realçam os matizes do dinamismo de suas identidades culturais.

Para os sertanejos, a presença intensiva das manifestações de suas tradições culturais proporciona vivacidade e contenteza ao cotidiano de suas sagas. Em prosas realizadas com estes em muitos rincões, escutei falas que afirmam serem estas expressões tradutoras do “prazer e a alegria de viver”, da “celebração da vida”, da “animação que dá sentido à labuta”, da “nossa cultura, da cultura de nossa gente”, da “alma dos sertanejos”, das “nossas raízes”. Essas manifestações apresentam/representam, assim, a seiva das raízes moventes que dão firmeza e vigor às suas vidas; compõem a identidade viva que afirma o sentimento de pertencimento e de co-pertencimento a suas comunidades e ao mundo; implicam no cultivo do estar-juntos, no compartilhar os sentimentos mais intensos e enraizados nos desvãos da alma.

As manifestações dessas tradições culturais emergem das dimensões mais fundas de cada ser e animam a coexistência entre o corpo e o espírito. Desse modo, os sertanejos dançam e recitam, brincam e cantam nas celebrações das proezas de seu viver renovando-o permanentemente. São rituais de re-atualização e de re-encantação da vida, da relação de cada um consigo mesmo, com os outros e com o mundo.

### **03. O renascimento das tradições culturais dos Sertões**

A presença das manifestações que constituem o caldo vigoroso das tradições culturais sertânicas, da identidade cultural de sua gente, emerge cada vez com mais intensidade nos circuitos da vivência cotidiana de nossa cultura. Expressões que até há pouco tempo eram consideradas como cafonas, residuais, ultrapassadas, atrasadas, em processos de extinção como as Cantigas de Roda, o Bumba-meu-boi, o Reisado, o

Repente, o Samba, o Cordel, as folias de São João etc., a despeito e também por conta dos processos de globalização, com suas contradições e limites, se revigoram e se afirmam de modo surpreendente.

As tentativas de homogeneização e de uniformização cultural realizadas pelos modelos *globalitários* com a pretensão de denegação das culturas locais, da diversidade étnico-cultural parece que, em grande medida, estão se desmanchando pelos ares. Na esfera da cultura humana, os modelos hegemônicos não são absolutos. As brechas de seus limites e contradições potencializam o despontar de novas possibilidades e rumos.

Os processos mercadológicos da voracidade capitalista, com seus mecanismos de dominância, procuram, muitas vezes, absorver as expressões dessas tradições e reduzi-las a meros produtos de consumo desqualificando a fecundez de suas formas e conteúdos originários. Porém, se expandem e se fortalecem as experiências que resistem e desafiam inventivamente as correntes uniformizadoras do consumismo.

Nos últimos anos, o fenômeno de fortalecimento e de revitalização das culturas locais, das chamadas culturas regionais ou de raiz, com suas características singulares, tem se expandido em proporções expressivas em seus fluxos de afirmação, de renascimento e de renovação. Hall (2000, p. 77) declara: “Há, juntamente com o impacto do 'global', um novo interesse pelo 'local'” realçando a tendência do fenômeno.

São inúmeros os projetos e movimentos encampados nas mais diversas frentes por algumas instituições públicas, ONGs, grupos e comunidades que têm desenvolvido atividades e ações múltiplas pelos Sertões, na zona rural, pequenas e grandes cidades. Esses projetos se inspiram na perspectiva de realçar, afirmar e revigorar as expressões dessas tradições culturais enraizadas no chão de nossa história, nos cafundós do imaginário mitopoético, da vida cotidiana de nossa gente nos rincões mais diversos. O mitopoético se traduz como expressão de imagens míticas primordiais que perfazem as camadas mais fundas e vastas de nossos imaginários, como expressão da sensibilidade poética, de nossas esferas mais intuitivas e sensíveis, e das potencialidades criantes de nosso existir. Imagens que, assim, tocam com intensidade na alma e no coração, nos devãos do inconsciente e nos vãos do consciente humanos.

Considero que aquilo que está visceralmente entranhado no âmago do coração e da alma dos indivíduos não perece. Os símbolos mitopoéticos dessas tradições culturais (Bumba-meu-boi, Cantiga de Roda, Reisado etc.) enfrentam intempéries, flutuações e desafios mas não morrem; se renovam e se revigoram, se desdobram e se ressignificam nos fluxos do dinamismo e das mutações da cultura. Há anos acompanho e desenvolvo

diversos projetos e atividades que vislumbram esse propósito e é impressionante o ritmo com que esses fenômenos estão acontecendo com seus limites e possibilidades.

Por todo o país, desde as capitais e, sobretudo, nos Sertões, estão ocorrendo Semanas de Cultura, Festivais de Cultura e Arte, Semanas de Folclore, Festas da Cultura popular, Celebrações e eventos diversos em que essas manifestações estão bastante presentes e são apresentadas com muita intensidade e vigor envolvendo populações diversas.

#### **04. Fuxico: estampas mestiças de sertania**

A imagem do Fuxico, em sua composição originária como teia de retalhos de tecidos entrelaçados com sua estamparia multicolor, se configura numa metáfora que revela a vivacidade mestiça da cultura dos povos sertânicos. Os matizes da teia do Fuxico representam a policromia, a diversidade de tons da vida cotidiana dessa gente, da mobilidade intensiva de suas sagas; traduz a trama das interrelações dialógicas, o dinamismo dos entrelaces, das trocas e partilhas presentes na urdidura das tradições culturais dos Sertões Semi-Áridos. Tradições culturais que se constituem na hibridação intercultural das fontes ancestrais ameríndias, africanas e européias, em seus processos dinâmicos de interpenetração e de complementação; de deglutição antropofágica que inspira e faz partejar, de modo redivivo, novas formas e conteúdos culturais.

A vastidão da imagem que jorra da palavra Sertão traduz um horizonte de cruzamentos, de encruzilhadas e texturas mestiças, de estampas multicores. Sertão ressoa ser tão intenso, ser de imensidão e de funduras sem fim, desmesuradas. Sertão desborda enigmas insondáveis, confins de desvãos incontornáveis, de larguezas e de lonjuras sem eiras nem beiras, de veredas tortas, de sabores agrídoces, de brenhas e de ermos abissais.

Sertão é um não-lugar, um des-lugar, um entre-lugar, um lugar in-certo e vesgo, côncavo e convexo, em que se descortina o tempo cíclico dos fluxos rítmicos do sol e da lua; em que se precipitam vidas de seres bravios e bandoleiros, mansos e festeiros. O Sertão se faz de recônditos braseiros, de voragens; de encruzilhadas em que se esparramam errâncias e *itinerrâncias* desgrenhadas.

As imagens do Fuxico tomam contornos míticos, mitopoéticos ao penetrarem intensamente no inconsciente coletivo, nos imaginários dessa gente sertaneja traduzindo o entramado de seus sentires e crenças, de sua sensibilidade poética. Essas imagens

fuxiqueiras que configuram a metáfora do Fuxico plasman e revelam o estado de sertania na tecedura de seus entrelaces, na textura de seus relevos e na policromia de suas estampas.

Sertania pode ser compreendida como o estado d'alma do Sertão, como expressão simbólica das crenças e valores, dos sentires e cosmovisões que configuram o imaginário dos povos sertânicos; como o descortinar de seus modos próprios de trançar e de colorir suas sagas; como o rendar intensivo de suas labutas e agruras. Sertania como expressão simbólica da teia multicolor do fuxico que estampa e dá vivacidade às vidas desses povos.

A sertania verseja as imagens retorcidas e toscas dos garranchos que, com sua espinheza agreste, provoca ranhuras, mas, também verseja a maciez e a singeleza da cantiga do sabiá que encanteia essas paragens qual canto inefável de luar do Sertão.

Os arcos da sertania se derramam em feixes de encantação nas flamas crepusculares de cada entardecer e de cada amanhecer. A sertania é o sertão amanhecendo, o sussurro dos rumores do mormaço suarento, o eco silente das funduras do chão, o rasgo dolente dos mandacarus que rebentam na terneza de sua floração. Sertania traduz o trançado do sol calcinante com a doçura da lua cheia, da secura inclemente das estiagens e da contenteza vadia das folhas de São João. Traduz os lampejos da coragem lampiônica; um estado d'alma que nos conduz à terceira margem do mundo, aos Sentidos primordiais.

Em cada região ou localidade, nos cafundós mais recônditos desses confins sertânicos, a multiplicidade de formas e de Sentidos é intensa e abundante, desde a diversidade geográfica, histórica e religiosa – considerando as proximidades e similaridades –, às mais variadas expressões culturais, com sua pujança ritualística, nas quais os sertanejos celebram a vida, afirmando-a e renovando-a. Essa multiplicidade de estampas que se traduzem no Fuxico, re-vela a diversidade de valores e de sentimentos, de Sentidos e de significados que constituem o manancial precioso e vigoroso – o *húmus* – de sabenças e sabedorias – a cosmovisão sertânica – da vida vivida desse povo “cabra da peste” que renda suas histórias e estórias nas sagas bandoleiras de suas façanhas e pelejas.

As cantigas e danças de roda traduzem, de modo singular, a metáfora do Fuxico ao descortinar as juntas dos entrelaces em que as diferenças de cores, de olhares, de jeitos, de amores, de costumes se dão as mãos e se abraçam no compartilhar fra-terno da generosidade, da simpatia, do coração despojado; representam os ritmos dos ritos e

ciclos da vida em seus fluxos de renovação; fazem vibrar os sentimentos e o espírito de sinergia e de fraternização.

O Fuxico é tecido, sobretudo, pelas mãos fiandeiras das mulheres. Mulheres que, em sentido mais vasto, traduzem o arquétipo de Maria, com seu espírito de compaixão e de *fraternura*, de altivez e de audácia. Desse modo, o Fuxico apresenta os contornos estampados dessa diversidade polissêmica do imaginário sertânico desbordando a pluralidade de valores, de sentimentos e de Sentidos que compõem as preciosidades dos tesouros da vida cotidiana dos sertanejos.

A metáfora do Fuxico pode ser concebida como um símbolo mitopoético ao penetrar nas dimensões fundas do inconsciente e do imaginário dos sertanejos e, assim, traduzir imagens multicores, os tons que estampam seus sentimentos, desejos e modos de vida; os entrelaces que revelam seus vínculos afetivos e existenciais, o espírito de amizade e de solidariedade. A imagem da metáfora do Fuxico, como teia de bordados e de tranças rendados por mãos feiticeiras e engenhosas, com o primor da sensibilidade e da inventividade dessa gente que renda a vida lavrando o seio da terra, entrelaça sonhos e utopias impregnados no corpo e na alma; urde a dinâmica coexistencial e in-tensiva das relações interculturais; estampa a rede híbrida das tradições culturais desse povo sertânico; desborda os ritos *animados* de celebração e de encantamento.

### **05. A ação de educar nos Sertões desde a imagem-símbolo do Fuxico**

As manifestações das tradições culturais dos Sertões, traduzidas na metáfora do Fuxico, são marcadas pelo vigor de sua dinamicidade e pelo espírito altivo de seus protagonistas através da plasticidade de suas formas e conteúdos. Assim, se configuram como fontes bastante fecundas que podem inspirar e nutrir a cotidianidade das ações do educar no contexto cultural dos Sertões .

O educar, em sua acepção vasta e funda, precisa ser adubado e nutrido nos núcleos da cultura vivida pelos indivíduos, nas fontes do *ethos* (sentires, valores, crenças...) de seus grupos e comunidades. Desse modo, este pode contribuir, com intensidade e fecundez, nos processos de afirmação das singularidades, da identidade e da diversidade cultural, de formação da sensibilidade crítico-criadora, da imaginação criante, no cuidado com os valores humanos. Esses processos, impulsionados pelo dinamismo da imagem do Fuxico, incidem na afirmação e no fortalecimento dos



símbolos mitopoéticos que entrelaçam as expressões que configuram as identidades e diversidades culturais dos Sertões. Podem contribuir na abertura dialógica para com as diferenças na promoção de relações interativas entre a multiplicidade de formas de expressão dessas próprias tradições, e destas com os repertórios de outras culturas mediante o descortinar de relações interculturais.

Nessa perspectiva, os acervos das tradições culturais dos Sertões se constituem como fontes primordiais que devem inspirar e dar cromaticidade às ações do educar nesses rincões realçando nos indivíduos o senso de pertencimento a um grupo, a uma comunidade, na contextualidade das manifestações que perfazem o cotidiano desses povos.

A presença multicolor dessas manifestações na ação de educar, além da possibilidade de contribuir no processo de afirmação dos símbolos que caracterizam a identidade e a diversidade cultural dos indivíduos e grupos, de fomentar as relações interculturais, também proporciona o enredar de práticas educativas imbuídas da vivacidade e do dinamismo que compõem a sua plasticidade na intensidade dos fluxos que mobilizam o corpo e a alma de seus protagonistas. Assim, o vicejar das expressões das danças, das cantigas, das linguagens poéticas, dos estandartes, dos ritos de celebração da vida, como expressões singulares que *animam* as sagas do viver cotidiano desses povos, infunde mais prazer, vitalidade e encantação ao cotidiano do educar.

A inserção das expressões das tradições culturais dos Sertões configuradas na metáfora do Fuxico, no cotidiano das ações educativas (aulas, eventos diversos), em suas diversas modalidades, pode ocorrer de múltiplas formas. As Cantigas de Roda, os versos de Cordel, elementos do Bumba-meu-boi, do Reisado etc podem ser incorporados em vários momentos (início, meio, fim...) das atividades educacionais tornando estas mais vigorosas, animadas e contextualizadas na cultura vivida de seus protagonistas contribuindo, assim, na afirmação de suas tradições e repertórios culturais.

Em quaisquer matérias ou disciplinas e demais ações educativas nessas searas sertânicas, a articulação das formas e conteúdos dos processos de ensinância e aprendizagem pode ocorrer através da incorporação, por exemplo, da linguagem do cordel, das Cantigas de roda – que supõe a presença de cantiga, dança e poesia/verso. Assim, os próprios conteúdos de cada matéria/disciplina podem ser mobilizados e redimensionados, de forma sensível e criativa, inspirando a imaginação criante, a sensibilidade poética e o espírito inventivo de educandos e educadores, ao mesmo tempo em que estes conteúdos passam a ter carnalidade e são melhor compreendidos

pois passam a ser ruminados e vivenciados, atravessando por dentro dos sentidos perceptivos de cada um. Desse modo, conteúdos e formas apresentam mais gosto, vigor e Sentido para o viver cotidiano dos indivíduos. Inspirados no dinamismo e na vivacidade dos símbolos das tradições culturais – do Fuxico – educandos e educadores podem criar e recriar, com espíritos, saberes e sentires, reinventar formas e conteúdos, na fruição destes encarnados nas intensidades das proezas do viver, de modo prazenteiro e expansivo.

A organização de eventos culturais (Semanas de Cultura, de Folclore etc.), das celebrações do São João etc. nas escolas pode mobilizar a participação de educandos, educadores e comunidade do entorno mediante a expressão da plasticidade de suas manifestações culturais. Essas ações, como momentos intensos de celebração da vida, potencializam o advento dos laços de compartilhamento de seus valores, sentires e crenças, conduzindo ao fortalecimento das subjetividades e das intersubjetividades, do senso de pertencimento a uma comunidade e de co-pertencimento ao mundo mais amplo.

A incrementação, nas atividades educativas, de experiências vivenciais em que o corpo e o espírito celebram a vida através das diversas manifestações culturais, das brincadeiras populares, fomenta os laços de afetividade, de solidariedade e de amorosidade; o compartilhamento do estar-juntos.

Portanto, a presença das expressões dessas tradições culturais na cotidianidade das ações educativas, configuradas no entrelace do Fuxico, potencializa o suscitar da imaginação criante, do imaginário mitopoético de educandos e educadores através da plasticidade das estampas e das configurações de suas imagens e símbolos; proporciona a fruição de saberes e sentires imbuídos de sabor e gosto mediante o vigor dos repertórios que revelam formas e conteúdos encharcados com as intensidades da cultura vivida e com o dinamismo rítmico de suas curvas e movimentos; engravida processos de invenção e de reinvenção que, inspirados nesses mananciais da tradição, implicam em revitalização, renovação e expansão dos sentires, crenças e sabenças que robustecem o existir e o co-existir dessa gente; expande a sensibilidade e a consciência dos protagonistas do educar.

Desse modo, essas expressões, com suas dimensões educativas e suas tonalidades singulares, tocam nas disposições sensíveis e espirituais do humano podendo suscitar o compartilhamento dos valores e Sentidos primordiais que plasmam a condição humana.

Em muitas circunstâncias, como nas comemorações das Semanas de Folclore nas escolas, há tendências e posturas que abordam essas manifestações culturais de forma superficial como mero espetáculo ornamental desprovido da expressividade de seus conteúdos contextuais. Nessas comemorações, essas manifestações são consideradas como folclóricas traduzindo uma visão de Folclore como expressão de repertórios culturais caracterizados estaticamente, como artefatos desvinculados do contexto da cultura e da história dos indivíduos em seus grupos e comunidades. Muitas vezes, essas ações tomam contornos grosseiros que ridicularizam as expressões singulares desses grupos.

Essas concepções e posturas são marcadas por preconceitos e por visões descontextualizadas e mecânicas que carecem de investigações e de compreensões mais cuidadosas e aprofundadas acerca dos sentidos dessas tradições culturais, das intensidades de suas manifestações cotidianas, dos contextos sócio-culturais em que estão imersas.

As características lúdicas dessas tradições populares também são bastante relevantes nas práticas educativas na proporção em que fomentam o espírito brincante podendo, assim, propiciar aos indivíduos experiências que expandem o senso de humor e desprendimento, de flexibilidade e abertura; que podem torná-los mais graciosos. As proezas do lúdico suscitam o espírito de aventura e de inventividade, o compartilhamento das emoções e dos sentimentos. Conduzem a fruição dos momentos preciosos de prazer e de alegria; estimulam e fortalecem a auto-estima, os laços de afetividade.

A maioria dessas manifestações presentes no cotidiano das comunidades e grupos é realizada em forma de roda, revelando, desse modo, como as sabedorias que daí emanam podem proporcionar o aprendizado do compartilhamento dos valores primordiais (solidariedade, generosidade, dignidade, beleza, amorosidade...), de sentimentos que nos entrelaçam e enobrecem. São vivências sorvidas com intensidade, marcadas pela contenteza e pela abertura do espírito e do coração que implicam numa maior possibilidade de aproximação dos indivíduos mediante as trocas de energias (sinergias) que vivificam e animam os rituais de celebração e de re-encantação da vida.

A presença dos tesouros que constituem as manifestações das tradições culturais dos Sertões, traduzidas na metáfora do Fuxico, pode proporcionar à ação de educar momentos intensos de iniciação nas sabenças e sabedorias humanas impregnadas nos mananciais dessas tradições. Dessa forma, podemos articular uma ação de educar

teórica e vivencial, que en-volve, de forma interligada, o corpo (o pregnant) e a alma (o anímico), em que os saberes e sentires nos atravessam por dentro, nos mobilizam por inteiro na fruição dos Sentidos que fazem desbordar a dignidade e a boniteza da condição humana.

Assim, um educar que implica nos processos de afirmação e de renovação dos valores e dos sentires que dá Sentido e encantamento à vida de seus protagonistas e que pode contribuir expressivamente nos processos de afirmação e de fortalecimento das identidades e diversidades culturais, no entrelaçar das relações interculturais envidando o senso de pertencimento local e de co-pertencimento planetário.

Nos quadrantes dos territórios Semi-Áridos, entre os confins da sertania, urge o alvorecer de uma *Pedagogia do Fuxico* que proporciona aos povos sertânicos processos de ensinanças e de aprendizagens que conduzem aos compassos das co-aprendências (em que aprendemos uns com os outros) inspiradas e nutridas na fecundez das estampas multicores e do vigor dos seus repertórios de pensares e sentires. Processos que se instalam mediante os fluxos de compartilhamentos das fontes das sabenças e sabedorias que configuram os valores e Sentidos primordiais que fecundam suas vidas e que constituem a expressividade dos repertórios de suas tradições culturais.

Uma *Pedagogia do Fuxico* que se traduz na fruição do cavucar, do render e do entretecer os símbolos mitopoéticos da sertania com a vivacidade dos Sentidos que vicejam essas tradições culturais e animam as sagas dessa gente bandoleira nas intensidades de seu viver cotidiano. Uma Pedagogia que, como a configuração do Fuxico, apresenta aberturas para os entrelaços interculturais com os repertórios de outras tradições culturais.

Enfim, uma *Pedagogia do Fuxico* que realça o dinamismo e a vivacidade de seus modos de ser e de estar sendo no mundo com os outros, de seu espírito altivo que impulsiona aos desafios e labutas das sagas sertânicas. Que afirma e fortalece o existir e o co-existir desses povos como protagonistas de seus próprios destinos, abertos para as trocas que os complementam e enriquecem no dinamismo das relações interculturais.

## **Referências**

ASSARÉ, Patativa do. *Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.

CANEVACCI, Massimo. *Sincretismos: uma exploração das hibridações culturais*. São Paulo: Studio Nobel; Instituto Cultural Ítalo-brasileiro-Istituto italiano di Cultura, 1996.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

VIEIRA, Padre Antonio. *Sertão brabo*. São Paulo: Gráfica Brasileira, 1968.